

Maceió, 17 de fevereiro de 1998

Exmo. Sr.

Deputado Federal Marcelo Deda

Câmara dos Deputados

Praça dos Três Poderes, Anexo 3 Gab. 383
Brasília Distrito Federal.

Excelentíssimo Senhor

Fenho V. Exe. como um deputado da
minoria útil, consciente de suas responsa-
bidades. Não propriamente pelos vetos favorá-
veis ou não a algumas questões, mas porque re-
vela interesse e compromisso com o País e seu
povo.

Solicito-vos Exmo. Sr., por favor, o tempo pa-
ra leitura do que segue.

É um obsequio a um semi-analfabeto, po-
rém também a centenas de milhares de parentes
de pessoas que sofrem de distúrbios mentais, não
os conheço, não os consultei, não tenho preocupação,
contudo sei que estariam nas ruas clamando
contra o projeto em andamento, que pretende
acabar com as hospitais psiquiátricos, isto é, os
públicos, hospitais, e com eles o usuário. Os particulares
continuarão a existir, como se generaliza cada vez mais
no Brasil, somente os ricos terão segurança para si e
seus doentes.

Exmo. Sr. peço ainda que V. Exe. releve
a má apresentação e erro da esboçadura, pois,
para fazer revisão e mandar digitar ser-me-ia
pesado. Antecipo minhas desculpas também pela
extensão e detalhamento, a intenção é apresentar
meus motivos e seus fundamentos, que se ba-
seiam no sofrimento.

Há palavras que me parecem ridículas, pelo menos quando usadas em nome triste país, tais quais, cidadania, estado de direito, direitos humanos, procurar a justiça. Quando ouço falar em "procurar a justiça", penso, se a reencarnação fosse verdade talvez alcançasse a deusa, quanto ao resultado final - - - - -

A minha família paterna é numerosa, nela não há caso de psicopatia, pelo menos ostensivo, tem muito alcoolistas.

Já na materna, bem menor, tem havido muitos casos nos diversos graus. Citei apenas alguns.

Meu tio avô, entre outras atitudes do mesmo faez, certa vez brincava com um filho de três meses queimando-lhe o braço com o charuto em brasa.

Uma das minhas tias era esquizofrênica diagnosticada, não conheço detalhes porque viveu sempre à distância da família, talvez internada, o que então não se confirmava.

Meu primo vive há cerca de trinta anos internado num hospital do Recife, nunca foi o hospital que impedia sua volta para casa, mas a sua violência, sua mãe fica feliz quando consegue tê-lo em companhia por um final de semana.

Minha irmã, moça gentil, meiga e querida por todos, esteve internada por 5 anos até quando faleceu em 1967. Naquele tempo não havia SUS nem INPS, meu pai era empregado numa fábrica de pneus, periodicamente ela passava dias em casa, graças à permissão de internação imposta pelo INPS - uma das milhares de incongruências da chamada previdência, que sempre foi, para os trabalhadores, madrasta. Parece-me mesmo um bicho.

Nestes dias meu pai, sexagenário, saía para o trabalho deixando em casa dois ou três homens para detê-la nos momentos de crise destruidora, não foram os médicos que a fizeram assim, nem

a família deixava-a por desamor.

Meu filho, 29, teve uma crise em junho de 96, com dificuldades conseguirmos levá-lo para o hospital, onde ficou internado, não havia vaga mas o medico mandou improvisar um leito, porque nós não tínhamos condições para controlá-lo em casa, isto também foi o conselho de um amigo nosso psicólogo que não trabalhava neste nem no outro hospital, tinha o seu consultório.

Tive alta seis semanas depois e, por duas a três semanas ainda por deu sérias preocupações, surtos, ansiedades, embora acompanhado pelo serviço de egressos do hospital ambulatorio multiprofissional.

Em junho, 19, de 1998, nova crise, quando ficou bastante violento, enquanto nós, impotentes, já havíamos providenciado todos os meios possíveis para levá-lo para o hospital, à força se necessário. Ao atender um telefonema de uma médica amiga para quem havíamos apelado — na vez anterior deu certo — desligou brutalmente sem ouvi-la e, supondo que a irmã que o havia chamado fosse responsável pela ligação, agrediu-a com um murro e saiu ameaçando a todos, em casa e pela rua a fora. Caso conseguíssemos interná-lo. Graças a Deus — estávamos de joelho orando — ele, que saiu às nove horas, às dez havia sido atendido ~~no~~ hospital e, naturalmente, internado.

Surpresos, perplexos, eufóricos, às dezesseis horas tivemos a notícia dada pela ass. social, informando ainda que embora houvesse chutado só, causando estanhoeira, pois sempre foi lá acompanhado, fora atendido mas estava em delírio e aconselhou que o pai não fosse visitá-lo por enquanto porque estava eleito seu inimigo.

Contudo, no quarto dia, não só veio ao meu encontro mas também nas primeiras palavras pediu-me desculpas.

TRÊS semanas depois (05/01) teve alta, mas por
nossa solicitação, pois ainda tinhamos medo, mas por ini-
ciativa da médica que o assistia.

Já com calma aparente, ficou feliz com a alta e,
por si mesmo, fez promessa de conservar comportamento
aceitável; admitiu fazer readaptação e psicoterapia no
ambulatorio - Centro de Atenção Psicossocial - mas nas duas
primeiras semanas já não causava ansiedades, preocupa-
ções etc., melhorou, atingiu quase o normal (normal
que entendemos nele) cessaram o comportamento maníaco,
tinha a medicação reduzida. Se iniciou uma crise
de depressão violenta, no centro já estava indo apurar
a cada quinze dias, quando entendemos o novo qua-
dro levei-o ao centro, foi atendido pela médica, a
geral mudou a medicação, seguii levando-o e indo
buscá-lo (pela manhã e à tarde ia buscá-lo), teve a medicação
readaptada mas não respondia.

Um dia, levando-o, levei consigo uma informação
escrita: "O meu filho não come, há dias, as refeições
que deve tomar em casa, não tem dormido bem, em
letargia completa. isola-se. Os médicos, outros funcionários
profissionais da área e leigos, TODOS, nos dizem CUIDADO,
TODA VIGILÂNCIA, mas nós, eu e sua mãe - ambos com
69 anos - estamos ARRASADOS." Há essa altura em
havia buscado tratamento de apoio psicoterápico, sentia-me
esgotado (17/12). conversei com a psicóloga e com a
ass. social sobre a nota acima e deixei com elas.

Dois horas depois cheguei em casa, e logo
recebi Telefoneira da médica pedindo que voltasse
lá até ao meio dia. Ali, a mãe, explicando a
sua (dele) situação buscava minha aprovação para
que fosse internado, ele havia concordado, disse ela,
embora não desse uma palavra, assentiu com movimen-
to de cabeça. Foi internado - 17/12.

O médico de plantas que o atendeu examinou-o para a internecência, logo, ao segundo ou terceiro dia ali, recuperando um pouco de energia, criou problemas, teve que ser transferido para o Serviço de Orientação Psiquiátrica, que oferece maior segurança. Uma vez ali encontrou-o ali amarrado à cama. (com ataduras ou coisa parecida) O médico mandou soltá-lo para que pudesse ficar à vontade consigo e sua irmã, apesar de um pouco levado, de tal modo se comportou que eu pedi ao médico que o recolhesse e viesse embora.

Quero frisar tudo isto porque em longa experiência em visitas a esse e outros hospitais, não tenho visto, desde médicos a serviços a portua de Torturadores de que golam os defensores do projeto sem apelo, ou o menor emprego de força desnecessária que se lhe atribui.

Nem tampouco o interesse de retenção do paciente por motivos escusos.

Um amigo meu levou a filha em cura, para o hospital, no dia seguinte foi visitá-la, encontrou-a amarrada à cama, zangou-se, retirou-a, em esse, mais dois dias, e voltou, agora para outra hospital onde tinha um parente e por intermédio de médicos amigos, surpresa ouvi a recomendação para ficar interna e, mais, logo amarrada, porque se tornou inevitável.

Graças a Deus em 12/01/99 teve alta, está em casa e acompanhado pelo setor de Assistência aos Esmeros.

Quem tem um doente mental em crise, tem que emendar todos os esforços para interná-lo e, nunca, esperar que ele acinte, isto para sua segurança, de familiares e da sociedade.

Direitos humanos? São inteiramente desprezados por outros formas, na falta de verbas para a saúde. — hope vi a carta de um médico sem salário e \$720,00 enquanto na A. Legislativa, tem milhões com salário anual de 2000,00 e nem sabem onde esse dinheiro funciona. — para educação e para a previdência

em cujo nome o governo não se presta de, alegando razões,
que, se veri, seriam de sua responsabilidade sobre os direitos
de verbas nunca retribuídas, aproveitamento para transposição
política de seus correligionários, pergunto, por que ou
para que a presidência há de ficar sob o controle de
um deputado Federal? Não tudo sem, há direitos
humanos e peridos esprechados, não nas hospitais nacio-
nais. E as defraudações sistemáticas, contínuas, a todos,
os apormentados? Que dizer do desemprego quase CRIADO?

Há irregularidades? É possível. Então procure-
se os responsáveis e puna-se. O que não se pode esperar
deste país. O haja o amigo do presidente (estive no nabalisco
casamento do filho deste) Ronald Dwyer é coartante de páginas
de reuniões, as vítimas do Palace II e do Baton Rouge estão
a procurar o bispo a quem reclamar, e não encontram,
nada além de conversa.

Conheço bem dois hospitais em Macau, um
particular há algum tempo não o visito. mas não creio que
não haja ali tudo o exigível e possível para nosso quadro
económico/social. O outro é o oficial Hospital Portugal
Recanto, este em que o meu filho e outros familiares
estiveram. Este satisfaz inteiramente o que está previsto
no substitutivo do senado heideio Portela.

Sobre o substitutivo, releve-me a ausência de opinião
sobre um trabalho parlamentar, mas gostaria de lembrar
que a internação voluntária é rara. Art. 6º Parágrafo único.

Art. 7º, Em qual hospital pode trabalhar um médico
sem o CRM.

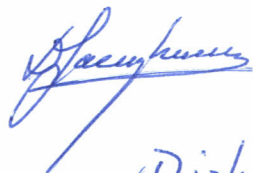
O Art. 8º é proibitivo, a hospitalização involuntária
terá validade de SETE dias, mais do que isto exige-se
o parecer de uma comissão? Se V. Exc. me deu a
sacrifícios, honra de lei desde o princípio, terá visto
que isto não é realizável.

Se assim ficar, será mais uma lei
para não ser cumprida o que, aliás, não será
novidade.

Infelizmente um assunto tão sério parece inteiramente ignorado pela imprensa, tanto que até agora apenas ouvi dizer em três vezes na CBN e Folha de S. Paulo, um artigo que comenta a restauração desses hospitais na Inglaterra, onde foram extintos há 30 anos. Agora, forçados, atentos às estatísticas, restauraram ou reorganizam os hospitais, analisando os crimes, suicídios, acidentes, acontecidos pela ausência deles. Era Folha, parece-me de agosto ou Setembro, infelizmente perdi o recorte. Também no mesmo jornal há uma nota no painel do Leitor (14/01/99) em que o sr. presidente da sociedade dos Pais dos Dentistas de S. Paulo protesta informando o assassinio de um médico no R. de Juncos e uma morte em N.Y.

Exmo. Senhor de V. Exc. se deu ao trabalho de ler este catatau, foi-vos, de fato, sacrifício, mas para mim especial privilégio.

Sinceramente agradecido, subscrevo-me
atençiosamente,



Djalma Moura

R. Dr. Guedes Lins, 116

Pajuará - Maranhão - AL

57030-110

Tel-231-1279

O Jornal 18/02/99 - Macaio

Sr. Editor:

Eu, um imbecil, médico concursado do Estado, ganho R\$ 760,00. Eles, os apaniguados e espertos servidores da Assembléia, que se instalaram naquela casa através do Poder da Safadeza, ganham entre R\$ 3.500,00 e R\$ 9.600,00. Isso é uma agressão à igualdade de direitos, é uma bruta inversão de valores.

Enseja-me a oportunidade para me congratular com o brilhante, digno e corajoso repórter Arnaldo Ferreira pela matéria veiculada na edição de domingo passado de O JORNAL, onde revela a institucionalização da imoralidade naquele poder.

Isso é justo? Com a palavra o Ministério Público, a OAB e uma porrada de outras entidades que lutam em defesa da ética e da cidadania.

Tadeu Wanderley

CRM-AL 2.876